

EXUS E POMBAS-GIRAS: O MASCULINO E O FEMININO NOS PONTOS CANTADOS DA UMBANDA¹

Adriano Roberto Afonso do Nascimento*

Lídio de Souza[#]

Zeidi Araújo Trindade[¶]

RESUMO. O presente trabalho tem como objetivo a caracterização dos Exus e Pombas-Giras, através dos pontos cantados da Umbanda, considerando aspectos que remetem a uma configuração mais ampla de componentes do imaginário social brasileiro. Foram submetidas à Análise de Conteúdo 221 letras de pontos de Exu e Pomba-Gira. Os pontos de Exu contêm maior frequência de menções relacionadas à descrição de poder e funções atribuídas a essa entidade (31,6% das respostas) e à sua identificação e saudação (22,4%). Os pontos de Pomba-Gira apresentam mais frequentemente a descrição de poder/funções atribuídas (30,23% das respostas) e a caracterização da entidade (30,23%). Os resultados possibilitam relacionar as características das entidades aos papéis socialmente esperados de homens e mulheres. Exu é representado pela liberdade, força e, principalmente, pelo trabalho. Pomba-Gira é representada através de atributos considerados típicos do sexo feminino, como beleza e sensualidade, e também pelo trabalho. Os dados remetem a uma análise que procura a articulação entre fatores raciais e de classe social presentes na sociedade brasileira e as características definidoras das entidades, identificadas nos pontos.

Palavras-chaves: umbanda, estereótipo, gênero.

“EXUS” AND “POMBAS-GIRAS”: THE MALE AND FEMALE IN UMBANDA CHANTS

ABSTRACT. The aim of the present paper is the characterization of the Exus (male entities, loosely associated with the devil) and Pombas-Giras (female entities, the counterparts of the Exus) in the singing chants of the Umbanda religion, focusing on aspects, which relate to a broader configuration of components of the Brazilian social imagery. Two hundred and twenty one lyrics of Exu and Pomba-Gira chants were subjected to Content Analysis. Exu chants have a higher frequency of citations related to the description of power and functions attributed to this entity (31.6% of the answers) and to identification and greeting (22.4%). Pomba-Gira chants present most frequently the description of attributed power/functions (30.23% of the responses) and the entity characterization (30.23%). The results allow for associations of the entities' characteristics and the socially expected roles of men and women. Exu is associated with freedom, force, and, mostly, industry. Pomba-Gira is represented by attributes considered typically feminine, such as beauty and sensuality, and also by industry. The data demand an analysis that seeks the articulation of racial factors and social classes present in Brazilian society and the defining characteristics of the entities, identified in the chants.

Key words: umbanda, stereotypes, gender.

INTRODUÇÃO

Exu, identificado comumente com um ser matreiro e amoral para os padrões ocidentais, sofreu

modificações importantes desde a sua vinda da África, com os escravos, até a sua apropriação pela Umbanda. Essa entidade ocupa uma função ímpar entre as demais divindades cultuadas pelo Candomblé,

¹ Trabalho realizado durante a vigência de bolsa de produtividade em pesquisa/CNPq.

* Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Endereço para correspondência: Rua Humberto Serrano, 550, apto 201, Ed. Bourdon, Praia da Costa, CEP: 29101-460, Vila Velha-ES. E-mail: fgian@uol.com.br

[#] Professor doutor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

[¶] Professora doutora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.

possivelmente o culto que ainda mantém a representação de Exu mais próxima da originária. Nessa representação é ele quem tem o papel/poder de servir como elo de comunicação entre os demais orixás e desses com os homens. Sua função é o próprio estabelecimento e manutenção da ordem do mundo espiritual. Além disso, desempenha tarefas específicas determinadas pelos orixás, servindo como uma espécie de mensageiro/instrumento (Bastide, 1978; Verger, 1999; Prandi, 2001).

Sua identificação histórica com o diabo cristão se estabeleceu, portanto, não devido a suas características funcionais, mas sim a aspectos relativos a sua *aparência*. A rejeição do culto aos orixás e as perseguições empreendidas pelos senhores brancos criaramnos escravos a necessidade de encontrarem entidades cristãs que os representassem. Como Exu é uma divindade do fogo, à qual eram atribuídos chifres, membro viril e sexualidade sem freios, assemelhando-se à representação do diabo cristão, a entidade escolhida foi o demônio (Bastide, 1978).

Na Umbanda, a figura de Exu vai ser construída num amálgama de suas funções no Candomblé e sua percepção como demônio cristão.

Em princípio existem quatro gêneros de espíritos que compõem o panteão umbandista; podemos agrupá-los em duas categorias: a) espíritos de luz: caboclos, pretos-velhos e crianças - eles formam o que certos umbandistas chamam de 'triângulo da Umbanda'; b) espíritos das trevas - os exus (Ortiz, 1991, p. 71).

A ordem de apresentação também se constitui em ordem de valor. Pode-se, através dos atributos de cada entidade, relacioná-las, de forma geral, às seguintes imagens: índio idealizado romanticamente, negro escravo e ainda submisso, criança branca e homem da classe baixa, cuja falta de valores de nobreza o tornam propício às funções do labor. Além desses quatro grupos principais, também podem ser encontrados baianos, boiadeiros, marinheiros, ciganos e médicos, entre outros (Negrão 1996).

Deve-se observar que a posição subalterna de algumas entidades é compensada por um fator fundamental para a sua valorização: são justamente essas que dão consultas e, por conseqüência, exercem contato e influência mais próximos aos fiéis do que aquelas que se encontram em mais alta posição na hierarquia espiritual (Birman, 1985). No caso dos exus essa proximidade deve ser entendida, sobretudo, como *afinidade*, uma vez que eles são as entidades mais

próximas do homem comum, com suas aflições e incertezas (Trindade, 1981; Negrão, 1996).

Essa *afinidade* pode ser reafirmada pelas características da possessão na Umbanda. Segundo definição de Magnani (1986), a possessão é a

... forma de contato com o sobrenatural através da incorporação de entidades espirituais nos iniciados que, momentaneamente despojados de suas características individuais, passam a agir sob a influência daquelas entidades; em alguns contextos o mesmo que transe (p. 60).

Na Umbanda, onde o transe se encontra entre as representações individual e mítica (como no Candomblé), atualizando personagens que se encontram presentes no cotidiano e na memória popular (Magnani, 1986; Birman, 1991), as entidades se encontram mais próximas do mundo dos homens, uma vez que já viveram e possuem, assim, história objetivada em locais, funções desempenhadas e características pessoais. Aquelas entidades que não possuem uma vida objetivamente localizada constituem o que podemos chamar de categorias vazias, papéis sem personagens. Essas personagens podem, assim, ser construídas pelo próprio médium, utilizando a sua própria história para gerar categorias com sentido (Ortiz, 1991).

Esse fato faz com que seja possível o estudo de determinadas relações sociais que considere a análise da dinâmica que se estabelece no interior da prática umbandista, através da própria interação entre suas entidades, por exemplo, nos pontos cantados. Segundo Prandi (1996),

Nas religiões afro-brasileiras, todo cerimonial é cantado ao som dos atabaques, e quase todo também dançando. As cantigas de candomblé e os pontos-cantados da umbanda são instrumentos de identidade das entidades (p. 144).

Considerando que as cantigas se constituem em instrumentos que atualizam a identidade das entidades a partir de elementos e personagens do cotidiano, o presente trabalho tem como objetivo a caracterização dos Exus e Pombas-Giras, através dos pontos cantados da Umbanda, destacando os aspectos que possibilitam uma articulação com componentes do imaginário social brasileiro.

MÉTODO

Foram analisadas 221 letras de pontos de Exu e Pomba-Gira recolhidos em livros e discos que se

propõem a coletá-los e divulgá-los, encontrados em lojas de produtos religiosos. As letras foram submetidas à Análise de Conteúdo (Bardin, 1994 e Vala, 1986) e agrupadas em categorias. Três subdivisões foram previamente consideradas, quais sejam: a) pontos de Exu, b) pontos de Pomba-Gira e c) pontos de relação, onde são citadas as duas entidades.

RESULTADOS

As categorias

- a) Descritivos de poder/funções atribuídas: pontos que fazem referência às funções das entidades, bem como aos poderes que possuem. Ex: *Meia noite a maré vazou/ Lua veio anunciar/ Eu já vou vencer demanda/ Saravá, Calunguinha do mar.*
- b) Caracterização (indumentária, imagem): pontos que relatam a *aparência física* das entidades e/ou mencionam vestuário e acessórios/instrumentos que as caracterizam. Ex: *Olha que menina linda/ Olha que menina bela/ É Pomba-Gira Menina/ Me chamando da janela.*
- c) Identificação/saudação: pontos que contêm apenas o nome da entidade e/ou uma saudação a ela. Ex: *Pinga Fogo lá na encruza/ Pinga-Fogo lá na serra/ Abre a porta, minha gente/ Pinga-Fogo tá na terra.*
- d) Relação hierárquica: pontos onde há menção a outras entidades associadas a Exu, exceto Pomba-Gira, e vice-versa, com alguma relação diferencial de poder e/ou hierarquia. Também foram considerados os pontos que explicitam a posição hierárquica que a entidade ocupa. Ex: *Exu foi batizado/ E recebeu a sua cruz/ Na falange de Dom Miguel/ Kamiloá nos defende, nos conduz.*
- e) Personalidade: nessa categoria foram incluídos pontos em que há referência a traços de personalidade/caráter das entidades. Ex: *A encruza estremeceu/ Uma gargalhada soou além/ Salve Exu, que é batizado/ Exu do fogo não ataca ninguém/ O Exu é bom, não ataca ninguém.*
- f) Proteção: pontos que relatam o aspecto protetor das entidades àqueles a quem estão relacionados. Ex: *Seu Sete-Pedras, livra o caminho que eu passo/ Seu Sete Pedras, livra o caminho que eu passo/ Quando ando com Sete-Pedras/ Meus caminhos não têm embaraço.*
- g) Morada: pontos em que há referência à existência de uma morada específica das entidades. Não foram consideradas referências às ruas,

encruzilhadas e cemitérios, locais característicos de permanência de quase todos os Exus e Pombas-Giras, exceto quando os pontos utilizam o verbo *morar* ou seus derivados. Ex: *Pomba-Gira, aê, aê/ Pomba-Gira é de Maceió/ Aonde mora Pomba-Gira/ Ela mora no Maceió.*

- h) Advertência: pontos que se propõem advertir sobre os poderes das entidades, sem fazer referência específica a esses poderes. Ex: *Ao ver Exu na encruza/ Com ele não se meta/ É ali que ele trabalha/ O reino é de Capa-Preta.*

Pontos de Exu

Os pontos de Exu analisados (80,77% do total) apontam maior ocorrência de menções a aspectos relacionados à descrição do poder e às funções atribuídas a essa entidade (31,6%). Nessa categoria são identificados como principais funções/poderes dos Exus: trabalhar, vencer *demandas*, vigiar, levar mensagens, despachar Ebó, *segurar a gira*, defender, conduzir, fazer magia e *levar o mal para o fundo do mar*. Como segunda categoria com maior frequência (22,4%), encontramos os pontos relativos a sua identificação e saudação. A terceira categoria mais frequente (15,3%) é aquela que se refere ao que chamamos de relações hierárquicas entre os Exus ou entre esses e outras divindades (Santo Antônio, Ogum, Dom Miguel). Aqui também foram incluídos os pontos onde são encontradas referências a relações de parentesco (outros Exus ou Lúcifer) ou à filiação a linhas de Quimbanda ou Umbanda, desde que estivessem explícitas, em ambos os casos, condições desiguais de força (Quadro 1).

Pontos de Pomba-Gira

As duas categorias com maior frequência de respostas (30,23% cada) são aquelas que dizem respeito às descrições de poder/funções e à caracterização da entidade. Como funções/poderes atribuídos encontramos: trabalhar, comandar a madrugada, vencer *demandas*, carregar mandinga para o fundo do mar, cortar o embaraço, vigiar. Quanto à imagem e indumentária: moça, linda, menina bela, muito formosa, farrapos de chita, linda saia com sete guizos, figa de ouro, "sandalinha de pau", saia rodada, manto é de veludo rebordado todo em ouro. Os instrumentos relacionados à Pomba-Gira nos pontos analisados são: tesoura, garfo de prata, ponteiro de aço. A terceira categoria com maior número de menções (9,30%) foi a de identificação (Quadro 1).

Quadro 1. Quadro comparativo de frequência das categorias para os pontos de Exu e Pomba-Gira.

Categorias	Frequência- Exus	%	Frequência - Pombas Giras	%
Descritivos de poder/ funções atribuídas	62	31,6	13	30,23
Identificação	44	22,4	04	9,30
Relação hierárquica ⁽¹⁾	30	15,3	03	6,98
Personalidade	17	8,7	03	6,98
Caracterização (indumentária/imagem)	16	8,2	13	30,23
Proteção	14	7,1	03	6,98
Morada ⁽²⁾	07	3,6	03	6,98
Advertência	06	3,1	01	2,32
Total	196	100	43	1000

(1) Pontos onde há menção a outras entidades associadas a Exu, exceto Pomba Gira, e vice-versa, com alguma relação indicativa de diferencial de poder e/ou hierarquia. Também foram considerados os pontos que explicitam a posição hierárquica que a entidade ocupa.

(2) Não foram consideradas referências às ruas, encruzilhadas e cemitério, locais característicos de permanência de quase todos os Exus, exceto quando os pontos utilizam o verbo morar ou seus derivados.

Pontos de Relação

Devido à pequena quantidade desses pontos (07) não nos pareceu relevante submetê-los a tratamento quantitativo. Uma primeira análise qualitativa pode, entretanto, nos indicar algumas características da relação entre as entidades. A figura de Pomba-Gira pode ser identificada como companheira, mulher (não esposa) dos Exus, desempenhando, quando em sua presença, os papéis esperados da figura feminina no contexto do modelo tradicional das relações de gênero. Ex: *Exu fez uma casa/ Com sete portas/ Com sete janelas/ Exu não precisa de casa/ É Pomba-Gira quem vai morar nela.*

DISCUSSÃO

Os dados relacionados às entidades Exu e Pomba-Gira, descritos acima, sugerem inicialmente a importância da análise das representações relativas ao feminino e ao masculino em nossa sociedade.

Para entendermos a forma como se processam as relações entre o masculino e feminino no Brasil, é fundamental que consideremos a tradição patriarcal historicamente dominante nos sistemas social, econômico e cultural. Segundo Parker (1991), a diferenciação entre homens e mulheres poderia, sob determinado aspecto, ser considerada, na sociedade brasileira, como formada por pólos atividade-passividade, dominância-submissão, força-fragilidade. Essa polarização não se dá, entretanto, de forma absoluta, devendo ser consideradas posições

intermediárias marcadas pela presença de papéis como o da prostituta. Contudo, esses papéis, valorizados negativamente, funcionam mais como um fator de referência a ser considerado para ser evitado, do que como um lugar com importância estrutural para o funcionamento do próprio sistema. Os valores sociais relacionados ao feminino referem-se tradicionalmente à virgindade, submissão e procriação, enquanto os masculinos relacionam-se à força, autoridade e realização sexual.

Os dados coletados nos revelam a presença desses valores. Exu é caracterizado principalmente pelas suas funções. Fundem-se na sua caracterização o homem da noite e o trabalhador, papéis historicamente associados ao masculino. O trabalho de Exu, entretanto, é o que podemos designar como braçal; aqui se apresenta a primeira característica de classe. A sua identificação com a noite apresenta aspectos que também podem ser considerados indicadores de classe. Os lugares que frequenta comumente não são os destinados às camadas mais privilegiadas; seu local é a rua, onde acontecem tradicionalmente as manifestações do povo. Também é o lugar atribuído às desordens, ao permissível e ao potencialmente perigoso (DaMatta, 1991).

Há vários Exus para diversas funções/interesses. Sua atuação se refere às esferas da saúde, financeira, afetiva (motivos pelos quais mais são procurados) e sexual. Os Exus e Pombas-Giras são definidos principalmente pelo seu caráter sexual, relacionado à sua amoralidade, e, podemos dizer, provavelmente, aos lugares que frequentam.

Pomba-Gira desempenha, por sua vez, funções, segundo os dados, muito semelhantes às dos Exus. Também é uma mulher da rua e do trabalho. Entretanto, o lugar da rua não é aquele esperado socialmente para a mulher, segundo a tradição patriarcal, podendo promover a sua identificação com as características atribuídas à prostituta. Montero (1985) também identificou semelhanças entre as características atribuídas à Pomba-Gira e o estereótipo da prostituta, em oposição aos estereótipos da jovem virgem associado às caboclas, da mãe a Iemanjá e da mãe preta às pretas-velhas. Apesar das semelhanças porventura encontradas, não constatamos referências explícitas à Pomba-Gira como prostituta nos pontos analisados. Sua identificação com essa figura, como dito, está baseada sobretudo nos lugares que frequenta. Aqui, deve-se recordar que a categoria por nós definida como Morada não inclui os lugares onde as entidades transitam. Associação de Exus e Pombas-Giras com ruas e cemitérios são quase uma constante nos pontos analisados, o que não quer dizer

que habitem nesses locais, e sim que mais provavelmente nele permaneçam por afinidade ou pelas características dos trabalhos que realizam ali. Ex: *Existe um Exu mulher/ Que não trabalha à toa/ Quando passa pela encruza/ Maria Quitéria não vacila/ Ela não faz coisa boa.*

Sobre a relação entre as Pombas-Giras e a prostituição, nos diz Meyer:

Como é mulher, sua associação ao Mal, sua demonização passa pela imemorial marca infamante da feminilidade: a luxúria. Encarnada noutro antigo estereótipo: a prostituta. Uma 'mulher da vida', com 'sete maridos', bem marcada, me parece, pelo tempo em que se constituía a Umbanda no espaço urbano: vários dos seus pontos cantados que ouvi, remetem a um espaço escuso da cidade, que já foi sinônimo de devassidão e 'mulher perdida': a Pomba-Gira é de cabaré (1993, p. 104-105).

Segundo Prandi (1996), a Pomba-Gira "trata dos casos de amor, protege as mulheres que a procuram, é capaz de propiciar qualquer tipo de união amorosa e sexual" (p. 148). A ela estão associados os trabalhos de feitiçaria, principalmente amorosa, o que nos permite fazer um paralelo com o espaço tradicionalmente relacionado à mulher, ou seja, o quintal, lugar das ervas e dos segredos mágicos e terapêuticos (Del Priore, 1993). Suas atividades situam-se nos espaços exteriores à casa (a rua e o quintal), o que pode indicar a sua não-pertença ao núcleo familiar, uma vez que não se ajusta aos papéis tradicionais de esposa, mãe ou filha.

Os dados revelam a entidade como dotada de uma beleza "física" e uma vaidade, que bem correspondem à expectativa em relação ao papel feminino, no qual a mulher deve se conservar sempre bonita, pois esse é o seu maior bem, a fim de satisfazer o homem. Conforme nos mostram os pontos de relação, esse é o papel da Pomba-Gira, em presença dos Exus. Se considerarmos também as marcas de raça e classe que estão a eles relacionadas na literatura, seu papel se torna duplamente estereotipado, uma vez que mulher e negra (Montero, 1985; Ortiz, 1991).

Como pode ser visto, a identificação tradicional de Exu com o diabo cristão não está relacionada somente a sua aparência original, africana. Componentes outros se somam a essa aparência e remetem a uma caracterização de ações também próxima. Talvez o principal desses componentes seja a sexualidade exacerbada. Historicamente, o diabo no ocidente utiliza o sexo dos humanos para tentá-los (Nogueira, 2000). Há referências diversas na história

do Brasil sobre a proximidade entre o diabo e a luxúria, as práticas mágicas, a busca da resolução de problemas cotidianos, por fim, sua proximidade com o próprio homem (Souza, 1989). Até mesmo o caráter ambíguo da sexualidade esteve a ele relacionado, na figura de íncubos e súcubos (Mott, 1988). Nesse ponto, há um aspecto particularmente importante: o diabo formou, desde o nosso período colonial, uma tríade bastante constante com a prostituição e a magia sexual. Segundo Souza,

No Brasil colonial, dentre os que se ocuparam da magia, talvez a categoria mais estigmatizada com a prostituição tenha sido a das mulheres que vendiam filtros de amor, ensinavam orações para prender homens, receitavam beberagens e lavatórios de ervas. Magia sexual e prostituição pareciam andar sempre juntas (1989, p. 241).

Companheiro da prostituta, o malandro é figura recorrente no imaginário brasileiro. Sua avaliação, entretanto, tende a ser menos negativa do que a dela. Segundo DaMatta (1997), sua caracterização está relacionada à sua aversão pelo trabalho e à individualização da sua figura e de seus costumes. Contudo, é inegável em nosso meio social a valorização da sua desenvoltura para resolver problemas e quase sempre levar vantagem, inclusive nas situações francamente adversas.

Uma estrutura marcada pela hierarquia, como é o caso da Umbanda, certamente deve refletir em si aspectos da ordem social que a comporta. A relação de dominação-subordinação encontrada no Candomblé entre os orixás e Exu (Trindade, 1982) também pode ser percebida na Umbanda. Outro fator relevante na identificação do lugar ocupado por Pomba-Gira e Exu na prática umbandista é a consideração das delimitações provenientes dos conceitos de linha e falange que "... constituem divisões que agrupam as entidades de acordo com afinidades intelectuais e morais, origem étnica e, principalmente, segundo o estágio de evolução espiritual em que se apresentam, no astral" (Magnani, 1986, p. 33). Essas divisões implicam uma hierarquia que indica, mais do que uma simples divisão entre o bem e o mal, esse caracterizado como inferior àquele, a necessidade de que "... o simbolismo dos ritos exprima a subordinação do princípio espiritual inferior ao princípio superior" (Ortiz, 1991, p. 141).

Essa hierarquia está presente de forma significativa nos dados apresentados acima, nos quais o reconhecimento de diferentes poderes se constitui em um princípio organizador que impede o caos. Na

hierarquia identificada pode-se notar claramente a superioridade dos Exus. A eles estão subordinadas as Pombas-Giras, menos numerosas, fato que se refletiu inclusive na quantidade geral de pontos coletados.

O caráter moralmente ambíguo das entidades, evidenciado pela costumeira associação entre os Exus e a figura do *trickster* (Augras, 1983; Queiroz, 1991), sugere ser este um aspecto relacionado ao lugar que lhe é designado na hierarquia da umbanda. As categorias denominadas "personalidade", "proteção" e "advertência" referem-se a essa ambigüidade. Aqui encontramos Exu e Pomba-Gira como seres capazes de fazer tanto o bem quanto o mal, e por isso merecedores dos maiores cuidados e respeito. A moralidade das ações da entidade vai ser, entretanto, determinada pelo pedido do "consulente", pois é esse quem vai fazer a sua oferenda, o seu pagamento. Em última instância a responsabilidade moral é daquele que faz o pedido. A labilidade dessas entidades possibilita a solicitação de determinados *favores* somente a elas, não a outras consideradas mais evoluídas, pois poderia causar negativas ou repreensões. Além desse fato, a percepção de Exu como alguém que já passou por condições adversas, em vida, pode caracterizá-lo como um interlocutor capaz de melhor entender os motivos daquele que pede, sendo, em determinado sentido, um igual.

Dois eixos de submissão podem ser então considerados como centrais na análise. O primeiro se relaciona à posição da figura feminina, localizada à margem pelo sexo e pela condição social. Seus atributos concedem-lhe a aparência desejada pelo masculino ao mesmo tempo em que sua caracterização como ser com sexualidade extremada a relega a uma situação em que sua inserção na rede social não pode se dar através do papel de mãe/esposa, sendo associada à prostituta na trama dos personagens cotidianos. Suas funções estarão relacionadas aos pedidos de caráter sexual e afetivo, localizando-a então, conforme a moral cristã, no campo do pecado, ou seja, das trevas.

O segundo eixo diz respeito à condição de Exu. Dado como amoral, só pode ser admitido para ele o local das trevas, a noite. É ali que pode expressar seu caráter sinuoso, escondido do convívio dos que trabalham normalmente. Aqui também podemos considerar a sua inaptidão para o papel de pai/esposo, sendo considerado inadequado para as funções reprodutivas. Deve-se observar que não são encontradas referências familiares para os Exus e Pombas-Giras, o que é comum para os Pretos e Pretas-Velhas, geralmente chamados de tio/tia, avô/avó ou pai/mãe.

A relação que se estabelece com Exu é muitas vezes a de compadrio (Verger, 1999), reforçando a possibilidade de sua identificação, por parte de quem o consulta, como um igual. À medida que admitimos a entidade como um molde a ser preenchido pelo médium, podemos também admitir que os estereótipos a ela historicamente relacionados encontram nele possibilidade de se atualizarem e por isso sobreviverem. Não nos estamos referindo a uma simples incorporação do papel, mas sim a um mecanismo que permite a construção de um campo de significados que estão de acordo com a própria percepção do mundo pelo médium e pelos fiéis. Pombas-Giras e Exus são representações de personagens presentes na vida cotidiana, que apresentam tanto características individuais distintas quanto traços coletivos de classe, o que proporciona a manutenção do estereótipo. Vistas como a própria ambivalência, as caracterizações não poderiam ser diferentes: as entidades que possuem como função primeira o trabalho, são percebidas como malandro e prostituta. Como perigosas, necessitam de outras entidades mais elevadas para que sejam controladas e exerçam de forma adequada suas funções. Segundo a descrição das moradas, são imigrantes que aportam num contexto que os considera inaptos para o desenvolvimento de funções que não estejam relacionadas ao trabalho braçal.

Exu e Pomba-Gira podem ser, em última instância, alguns dos personagens pertencentes às camadas empobrecidas da sociedade, submetidas a toda sorte de preconceitos raciais, sociais, econômicos e culturais, que acabam por ser assumidos e propagados pela própria classe. Máscaras que permanecem como modelo e reflexo das próprias contradições do sistema social do nosso país.

BIBLIOGRAFIA

- Augras, M. (1983) O duplo e a metamorfose: A identidade mítica em comunidades Nagô. Petrópolis: Vozes.
- Bardin, L. (1994) Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.
- Bastide, R. (1978) O Candomblé da Bahia. Rito Nagô. (2ªed.) São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, INL. (Coleção Brasileira, V. 313).
- Birman, P. (1985) O que é Umbanda. (3ª ed.) São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos, V. 97).
- Birman, P. (1991) Relações de Gênero, Possessão e Sexualidade. Phisis.A representação na Saúde Coletiva. 1(2), 37-57.
- Birman, P. (1995) Fazer estilo criando gênero: Possessão e diferenças de gênero em terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Ed.UERJ.

- Damatta, R. (1991) A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- Damatta R. (1997) Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. (6ª ed.) Rio de Janeiro: Rocco.
- Del Priore, M. (1993) Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb.
- Magnani, J.G.C. (1986) Umbanda. São Paulo: Ática. (Série Princípios, V. 34).
- Meyer, M. (1993) Maria Padilha e toda a sua quadrilha: De amante de um rei de Castela a Pomba-Gira de Umbanda. São Paulo: Duas Cidades.
- Montero, P. (1985) Da doença à desordem: A Magia na Umbanda. Rio de Janeiro: Graal. (Coleção Biblioteca de Saúde e sociedade, V. 10).
- Mott, L. (1988) Escravidão, homossexualidade e demonologia. São Paulo: Ícone.
- Negrão, L.N. (1996) Entre a cruz e a encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo. São Paulo: EDUSP.
- Nogueira, C.R.F.(2000) O Diabo no imaginário cristão. Bauru: EDUSC.
- Ortiz, R. (1991) A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e Sociedade Brasileira. (2ª ed.) São Paulo: Brasiliense.
- Parker, R.G. (1991) Corpos, Prazeres e Paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo. (2ª ed.) São Paulo: Best Seller.
- Prandi, R. (1996) Herdeiras do Axé: Sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: Hucitec.
- Prandi, R. (2001) Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras.
- Queiroz, R.S. (1991) O herói-trapaceiro: reflexões sobre a figura do *trickster*. Tempo Social 3 (1-2), 93-107.
- Souza, L.M. (1989) O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras.
- Trindade, L. (1981) Exu: poder e magia. Em: MOURA, C.E.M. (Coord.) OLÓORISÁ: Escritos sobre a religião dos Orixás. São Paulo: Agora.
- Trindade, L. (1982) Exu: reinterpretações individualizadas de um mito. Religião e Sociedade 8, 29-36
- Vala, J. (1986) A análise de conteúdo. Em SILVA, A.S. & PINTO, J.M. (Orgs.) Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Afrontamento.
- Verger, P. (1999) Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África. (C. E. M. Moura, Trad.) São Paulo: EDUSP.

Recebido em 06/08/2001

Revisado em 23/11/2001

Aceito em 30/11/2001